

O TURISMO LITERÁRIO. OLHÃO SOB A PERSPECTIVA DE JOÃO LÚCIO

LITERARY TOURISM. OLHÃO THROUGH JOAO LUCIO'S PERSPECTIVE

Cláudia Henriques

PhD, Algarve University

chenri@ualg.pt

Sílvia Quinteiro

PhD, Algarve University

smoreno@ualg.pt

RESUMO

Este artigo aborda a relação entre turismo e literatura, sob o pressuposto de que a valorização turístico-literária de um destino pode contribuir para o reforço da sua identidade e *genius loci*. Paralelamente, assenta no estudo da vida e obra do poeta algarvio João Lúcio e constitui-se como uma reflexão exploratória sobre a possibilidade de desenvolvimento do turismo literário em Olhão.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo Literário, Turismo Cultural/Criativo, Património Literário, Identidade Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This article is focused on the relation between literature and tourism, assuming that literary tourism can contribute to the reinforcement of the identity and *genius loci* of a tourist destination. The article constitutes simultaneously a study about the Algarvian poet João Lúcio, and suggests the possibility of developing literary tourism in Olhão, based on this poet's life and work.

KEYWORDS

Literary Tourism, Cultural Tourism, Literary Heritage, Cultural Identity.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa reflectir sobre a relação entre turismo e literatura, sob o pressuposto de que a valorização turístico-literária de um destino pode contribuir para o seu desenvolvimento sustentável. Neste contexto, problematiza primeiramente a relação entre turismo, cultura e cidade, sob a assumpção de que se constituem enquanto domínios simbióticos. Seguidamente, apresenta um estudo de caso apoiado numa reflexão exploratória sobre a possibilidade de desenvolvimento de turismo literário associado a João Lúcio, em Olhão.

Esta reflexão assenta na inventariação dos principais elementos tangíveis e intangíveis de Olhão e seus arredores associados ao poeta. No respeitante aos elementos tangíveis, procedeu-se a uma pesquisa sobre o património material de Olhão associado ao escritor, que foi posteriormente verificada *insitu*. Quanto aos elementos intangíveis, eles foram valorizados no contexto da obra de João Lúcio, nomeadamente em *O Meu Algarve*, procurando estabelecer nexos entre os diferentes tipos de património.

2. TURISMO LITERÁRIO E SUA IMPORTÂNCIA NAS CIDADES

Turismo, cultura e cidade, enquanto área de investigação conjunta, tem vindo a ser alvo crescente de teorização por parte de vários autores (Urry, 1995; Ashworth, 1995; Richards, 2009, 2006, 2000; Richards e Watson, 2007; Tunbridge, 2007; Howard, 2003).

Turismo cultural, segundo a European Travel Commission (ETC, 2005), é definido como o “movimento de pessoas para atracções culturais em locais distintos dos de sua residência habitual, com a intenção de obter novas experiências e informações para satisfazer as suas necessidades culturais”. Este tipo de turismo constitui-se fundamentalmente como segmento do turismo urbano, uma vez que é aí que tem inserção privilegiada. Apresenta elevadas taxas de crescimento (ETC, 2005; Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), 2009; ECORYS – Research Consulting, 2009) representando, em 2007, cerca de 40% das chegadas internacionais (OECD, 2009: 21). Este crescimento coincide com a ascensão da procura e oferta turístico-culturais, da “importância da cultura intangível e do papel da imagem e atmosfera”(OECD, 2009: 11), com fins de rentabilidade económica, política, social e também cultural.

O turismo criativo tem também vindo a destacar-se, sendo apelidado de “nova geração de turismo” (UNESCO, 2006). Ele oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial de criatividade através de uma participação activa em apreender experiências do destino, com enfoque nas dimensões educacional, emocional e social. Estas experiências querem-se “autênticas”, pressupondo a participação na aprendizagem das artes e do património, e favorecendo a relação com os residentes e cultura local (UNESCO, 2006).

O património, enquanto herança cultural, surge como “produto” associado ao *heritagetourism*, o qual se contextualiza no domínio do turismo cultural-criativo. *Oberitagetourism*, para além da ênfase colocada no património tangível, destaca igualmente o património cultural intangível ou património vivo (*living heritage*), reconhecendo que, pelas suas especificidades, este pode contribuir para uma maior aproximação entre lugares, comunidade residente e turistas. Este facto, aliado ao reconhecimento de que “investimentos no património cultural podem desenvolver o sector turístico” e de que “o património cultural é uma força chave na Europa” (ECORYS, 2009: 106), perspectiva uma valorização da cultura por parte das entidades públicas e privadas, e suas parcerias no planeamento e gestão do turismo sustentável.

A literatura (prosa, ficção, poesia e drama) “enquanto detentora de alguma forma de legado público expressa em termos emocionais e espaciais, possibilita-nos falar de património literário” (Robinson e Anderson, 2002:26). Logo, enquanto património (*literature heritage*), torna-se então “um produto no mercado” (Howard, 2003: 144), tendendo a ser valorizada quer na sua relação com o turismo e os lugares, entre os quais as cidades, quer no seu papel na produção de identidade nacional (Robinson, 2008; Xicatto, 2008, Watson, 2007; Robinson e Andersen, 2002).

As cidades, o que elas são e o conhecimento que delas se tem, alicerça-se na memória – “processo através do qual o homem pode não só repetir as suas experiências passadas mas também reconstruir essa experiência” (Cassirer, 1972: 52; in Stagl, 2004: 9). Por sua vez, a literatura (re)constrói essa memória, uma vez que se integra numa memória individual (a do escritor) e simultaneamente, ao passar por um processo comunicativo, integra-se também numa memória cultural (colectiva). Todos os elementos passam a funcionar como “aides mémoires” (Stagl, 2004), ressuscitando memórias, como forma de não esquecimento (Choay, 2006).

Ora, a (re)construção da memória das cidades através da literatura conduz à valorização de diversos elementos - tangíveis (monumentos, lugares, edifícios, objectos materiais) e intangíveis (histórias, sentimentos, costumes, atmosferas) integrantes destes espaços - evocadores da “mensagem espiritual do lugar” (Petzet, 2008: 25) ou do espírito do lugar (*geniuslocci*) e da memória desse espírito (ICOMOS, 2008), ou seja, da sua herança cultural. A inseparabilidade entre o “lugar” e seu “espírito”, entre “tangível” e “intangível” (UNESCO, 2003) contribui para que possam ser “combinados” de modo a propiciar as designadas “experiências” turísticas “transformadoras”, conducentes ao “self development” ou “transformação” (Pine e Gilmore, 1999), o que, para Richards e Watson (2007: 17-18), “requer a coordenação do hardware, software e orgaware cultural e criativo”.

Estas experiências “culturais-criativas-literárias” configuram-se sob o pressuposto de que a literatura pode desempenhar um importante papel na configuração do turismo cultural-criativo e no sentido do “ser turista”, ao mesmo tempo que valoriza não só as “relações com o texto”, mas também as relações “para além do texto”. No turismo cultural-criativo, para além de turismo e cultura se associarem, associam-se também “os diferentes tipos de cultura através do estabelecimento de conexões entre diferentes elementos de cultura que podem propiciar uma experiência que se quer cultural ou de património” (Henriques, 2008). Na associação de elementos culturais pode residir a criatividade do turismo cultural (Richards e Wilson, 2006).

Quanto à experiência que se quer oferecer, por ser cultural, ela “cria autenticidade e distinção no mercado global” (OECD, 2009: 11), o que pressupõe um espaço identitário de vivenciamento coincidente com o desejo de “(re)construir cidades a partir da literatura”. Essa “(re)construção” assenta no reconhecimento de que os escritores e suas obras constituem um elemento valorizador da identidade dos espaços em consideração, uma vez que os seus percursos existenciais, locais e/ou casas bem como das suas personagens representam visões e perspectivas da realidade em dado momento temporal. Para além destas perspectivas analíticas de turismo literário, ainda se destacam as feiras e festivais literários e ambientes dos salões. Como refere Xicatto (2008: 6), a intersecção entre literatura e turismo poderá auxiliar-nos a realizar o caminho em que a realidade imita a literatura com o intuito de criar paisagens turístico-literárias. A descrição pode ser complementada por elementos icónicos que ajudem a confrontar a realidade passada com a presente, remetendo para uma reflexão sobre o próprio desenvolvimento que conduziu a modificações ou a persistências.

Com o reconhecimento crescente de que a cultura é uma identidade que rende e tem multiplicadores culturais, e de que “a permanência de actividades culturais” (Greffé, 2005, in OECD, 2009: 31) gera impactes no desenvolvimento económico e social dos espaços, o turismo cultural-criativo ganha proeminência. Paralelamente, a ascensão da própria indústria do turismo literário tem conduzido a que os lugares se assumam como detendo “cultural property” e a que cada vez os escritores sejam mais lidos e os ambientes a eles associados valorizados por pessoas que muitas vezes nem leram os seus livros.

Quanto às cidades, na sua relação com o turismo literário, são perspectivadas não apenas como um território, mas como construto e representação de algo. A criação de itinerários associados aos escritores torna-se então uma realidade em ascensão.

A disseminação de processos de turistificação da cultura e da cidade, num contexto societal pós-fordista, pós-modernista e global, tem convergido em preocupações, entre as quais se evidencia a necessidade de respeito pela preservação dos valores identitários do património. Porém, a turistificação da cidade e a consideração da literatura enquanto produto a consumir como qualquer outro pode estar associada a aspectos negativos que cabe colmatar.

Como refere Henriques (2008: 33), a integração da literatura na oferta turística da cidade “não é feita sem uma quota-parte de destruição, porque turismo é também uma área de massificação. No domínio da delimitação dos percursos turístico-literários, há que ter presente que a linguagem turística não é a linguagem literária, e uma vez que nem todas as linguagens se equivalem, um livro não poderá ser reduzido a um percurso. Além do mais, sendo um livro uma realidade de natureza linguística, uma realidade em palavras, dificilmente pode ser explicado a partir do exterior”. Diz-nos ainda que “é certo que há elementos exteriores que podem convergir, não para um maior entendimento do livro mas para um maior sentimento do livro, embora muito tenuemente entendimento e sentimento se possam articular. Assim, tendo como elemento integrador o livro, vários elementos exteriores podem convergir atribuindo-lhe maior sentimento” (Henriques, 2008: 33). Nesta linha de raciocínio, o turismo pode potenciar a criação de ilusões/aparências: aparência de leitura, de que se é conhecedor da obra, dando a alguns turistas a ilusão/aparência de cultura. De facto, o turismo pode “aproveitar” percursos culturais existentes e “transformá-los” em percursos turístico-culturais mas, em última instância, recai no turista não só “sentir” mas também “entender” a experiência (Henriques, 2008: 33-34).

3. ESTUDO DE CASO: OLHÃO DE JOÃO LÚCIO

O Algarve constitui-se como uma região turística por excelência em Portugal, associado predominantemente ao produto “sol e mar”, tal como se verifica no Plano Estratégico Nacional de Turismo (MEI, PENT, 2006-2015). Neste Plano, a hierarquização estabelecida em termos os produtos associados às “motivações primárias” evidencia os produtos “Sol e Mar”, “Golfe”, “Turismo Náutico”, “Turismo Residencial” e “MICE”. Quanto ao “Turismo Cultural”, este é apenas referenciado no âmbito das “motivações secundárias”. Uma análise da *performance* turística desta região quando confrontada com as outras regiões portuguesas evidencia que, em 2009, é a região com o maior número de dormidas (cerca de 14,2 milhões/ano), detendo 36% da quota total de dormidas em Portugal. É também a região que capta os maiores proveitos globais turísticos, detendo uma quota total de aproximadamente 30% (Impactur, 2010).

Olhão, com uma área de 131,0 km² e cerca de 43341 habitantes (2008), é um dos 16 concelhos do Algarve, estando entre aqueles que apresentam uma menor importância turística na região. No que tange à procura turística, indicadores como “hóspedes por habitante”, “dormidas em estabelecimentos hoteleiros por 100 habitantes” e “estada média” apresentam respectivamente valores de 0.1, 26.6 e 2.3. Estes valores estão claramente abaixo dos evidenciados pela região algarvia, que são respectivamente de 6.3, 2978.6 e 5.4 (INE, 2010). A consideração de indicadores como o “nº de dormidas” e “nº de hóspedes”, respectivamente de 11920 e 4291, representam 0,09% e 0,16% no total do Algarve (INE, 2010). Se considerarmos a oferta turística, tendo por base indicadores como “capacidade de alojamento” e “proveitos de aposento” (em milhares de euros) os valores são respectivamente de 4.1 e 2.2, claramente abaixo da média do Algarve, 221,0 e 3,8 (INE, 2010).

Tendo em conta que Olhão tem ainda uma importância modesta no contexto turístico algarvio, caberá às entidades responsáveis desenvolver esforços no sentido de alterar esta situação, uma vez que se afiguram perspectivas de crescimento neste domínio. Se nos circunscrevermos ao turismo cultural e, nomeadamente, ao turístico-literário, Olhão destaca-se pela possibilidade de se traçarem itinerários literários com base na vida e obra de um dos mais ilustres e, provavelmente, mais esquecidos escritores algarvios, João Lúcio.

Neste estudo, procurou-se averiguar exploratoriamente a presença de elementos tangíveis associados à vida e obra deste autor, verificando-se que restam na cidade de Olhão algumas homenagens que nos lembram a sua passagem por ela, como por exemplo, a atribuição do seu nome a uma rua, a um agrupamento de escolas, a um externato e a um pequeno jardim na Avenida da República, onde existe um busto seu. Para além disso, existe ainda uma lápide em sua memória no local onde ficava a casa em que morreu, na Avenida da República. Situado nos arredores da cidade, em Marim, encontra-se o chalé em que viveu durante um breve período (e de que falaremos mais adiante).

João Lúcio Pousão Pereira nasceu na então Vila de Olhão da Restauração, a 4 de Julho de 1880. O poeta estudou Direito em Coimbra, porém, o amor à sua terra fez com que regressasse ao Algarve. Advogado de profissão, João Lúcio foi deputado franquista e Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Olhão. Incapaz, como dissemos, de viver muito tempo afastado da sua terra natal, e contrariamente ao que sucede com a maioria dos modernistas, João Lúcio afastou-se dos grandes centros da política e da literatura. Esse afastamento, associado a uma morte precoce aos 38 anos, valeu-lhe o esquecimento e a sua obra foi reeditada apenas duas vezes. Segundo Júdice (2009: 104), a poesia de João Lúcio é uma das muitas obras de qualidade indiscutível que se encontram por revalorizar. Esta revalorização da obra assumiria um papel decisivo na sua divulgação e, dada a estreita relação da sua poesia com a região, poderia também ajudar a incrementar itinerários literários no Algarve, partindo do reconhecimento de uma herança literária/cultural hoje praticamente desconhecida.

Retomando a questão da relação que João Lúcio estabelece com a sua terra natal, podemos constatar que esta é decisiva para a construção e para o próprio destino da sua obra, justificando a referência de Prudêncio ao “tríptico João Lúcio/Algarve/*Meu Algarve*” e o facto de o mesmo autor afirmar que “Falar do poeta João Lúcio é falar da província algarvia” (Prudêncio, 2009: 213). Efectivamente, João Lúcio assume a existência de um Algarve que é o seu, constituído por serras, campos, lendas de moiras, pescadores, mas sobretudo pelo mar e pelo sol que doira o ar que envolve e dissolve os restantes elementos. Em *Saudade do Mar*, por exemplo, a ligação única do autor à sua terra natal traduz-se na ideia da impossibilidade de se afastar fisicamente desse espaço e na manifestação da angústia que sente longe do mar algarvio. Uma angústia que o poeta acredita ser partilhada por todos os algarvios e que o fez regressar: “A alma que nasceu junto da tua água, [...] Não pode, sem que sinta uma estranha mágoa,/ Afastar-se de ti, oh empolgante mar!”([1905] 2002:117).

O amor à costa algarvia, e a dependência absoluta da proximidade do mar acabam por se revelar decisivos na própria escolha do local onde João Lúcio construiu a sua casa, no pinhal de Marim, demonstrando a total coerência entre a vida e a obra do poeta que nos permite identificá-lo com a voz poética. O chalé de João Lúcio situa-se, portanto, próximo do seu “empolgante mar”. De resto, ainda que valorize os campos, as serras e os pinhais, João Lúcio fá-lo essencialmente através da sua ligação ao mar, referindo o modo como a sua proximidade valoriza a terra e como esta retribui com os pinheiros que serão matéria-prima para a construção naval.

Retomando a questão do Chalé João Lúcio, este foi construído a partir de 1916 e é, sem dúvida alguma, o maior testemunho arquitectónico da sua existência. Grande parte do interesse deste edifício

reside no facto de se tratar de uma construção feita de acordo com princípios simbolistas, ou seja, de uma construção que espelha a rejeição do uso das formas clássicas e a incorporação de símbolos que, tal como sucede na literatura da época, reflectem a opção pelo uso das imagens por oposição à referência directa, o gosto pelas formas soltas e, frequentemente, a inclusão da linguagem musical (à semelhança da bastante mais conhecida e contemporânea Quinta da Regaleira). É pois por influência do Simbolismo que o chalé de João Lúcio se apresenta sem frente nem traseiras e com quatro entradas viradas para os quatro pontos cardeais, às quais se acede por escadarias em forma de peixe (a Norte), de guitarra (a Sul), de violino (a Este) e de serpente (A Oeste), simbolizando respectivamente a água, o fogo, o ar e a terra. Como explica Nobre (2008: 290-291), o chalé é marcado por um “traçado exótico de inegável simbolismo poético, [...] que a gente do povo não podia compreender e a que por isso atribuiu um sentido mágico”, tecendo em seu torno lendas que acabaram por se misturar e confundir com as lendas de moiras encantadas já associadas àquele lugar.

O Chalé João Lúcio foi recuperado pelo Instituto de Conservação da Natureza e, desde 1997, tem vindo a ser utilizado como Museu e como Ecoteca. Tal faz, a nosso ver, todo o sentido, já que se homenageia o poeta através da exposição do seu espólio e da promoção de actividades que remetem para aspectos recorrentes na sua obra, como as referências à fauna e à flora da região, aos pescadores, às suas embarcações e ao mar algarvio, em particular, à Ria Formosa que vê com os olhos do coração e para a qual convoca o olhar dos seus leitores: “Olhai o esplendor desta límpida ria,/ Que é, para o nosso olhar, uma joalheria”([1905] 2002:114).

Efectivamente, um dos aspectos mais centrais e pertinentes de *O Meu Algarve* é a paisagem ou, melhor, a forma como nesta obra se representa o encontro entre o sujeito observador e a paisagem e como este condiciona a sua representação. Ao colocar no título da sua obra o possessivo “meu”, João Lúcio/o sujeito observador apropria-se do espaço sobre o qual irá construir paisagens que não são, nem pretendem em momento algum ser, meros retratos da província algarvia. De facto, podemos perceber na poesia de João Lúcio um desejo de representar algo que está para além da simples reprodução do observado. Trata-se de descrições de paisagens claramente mediadas pelo sentimento hiperbolizado do poeta e que reflectem afinal o seu estado de alma, a sua “paisagem interior”. Como refere Francisco Fernandes Lopes, “O Algarve de João Lúcio é (...) Olhão amplificado, irradiado, derramado, por sobre toda a província – o seu fantástico Algarve” (cit. em Cavaco, 2008: 27).

Na verdade, o Algarve, tal como nos é dado a conhecer por João Lúcio, é único e irrepetível - é o seu Algarve. Um espaço que é prateado durante a noite (“Com neblinas de prata, ao nascer do luar”, [1905] 2002:113), e dourado durante o dia (“O sol doira-te o corpo”, [1905] 2002: 111). O poeta reduz e simplifica a cor e, ao cobrir a paisagem, ora com um véu prateado ora com um véu dourado, dilui os seus contornos, tornando-os menos reais e, conseqüentemente, mais permeáveis à imaginação do leitor. O poeta chega mesmo a dissolver a cor em notas musicais, quando diz que o Algarve é um jardim encantado “Onde a cor dá concerto em sinfonias de oiro” ([1905] 2002:113). Com efeito, o facto de ter crescido numa família com grande gosto pelas artes e talento (João Lúcio é sobrinho do pintor Henrique Pousão) surte efeito na forma como o poeta pinta, toca e esculpe a paisagem algarvia nos poemas de *O Meu Algarve*.

Quando falamos do Algarve de João Lúcio, falamos de um Algarve que é mulher, habitado ao mesmo tempo pelos “bravos” pescadores algarvios e por misteriosas e exóticas moiras encantadas. Um Algarve que é simultaneamente o espaço da sua realidade - das serras com as suas aldeias, das praias, do sol, do mar e dos pescadores - e das suas fantasias - da terra mulher sensual, das “ruas brancas que se torcem e coleiam/ Dando a impressão que com volúpia ondeiam” ([1905] 2002: 155), destas ruas onde “a casaria tem alvuras argelinas” ([1905] 2002: 160), a lembrar um passado árabe e o exotismo das

mouras encantadas que as lendas colocam neste espaço, um “Algarve moiro,/ Mole como um sultão, lânguido e fatalista” ([1905] 2002: 181), a que o poeta não é de todo indiferente.

Como bem nota Weir (2003: 119), a oportunidade de criar aquilo a que chama “uma indústria do turismo literário”, e que pode ser usada enquanto catalisador para o desenvolvimento do turismo rural e urbano, reside justamente no facto de o turista querer visitar os “lugares” ou as paisagens de um determinado autor ou de uma determinada obra. Logo, as experiências/vivências do turista não assentam no espaço como ele é, mas sim como foi visto e recriado por um determinado autor ou personagem.

4. CONCLUSÃO

A crescente ascensão do turismo urbano, e respectivo segmento cultural, pode conduzir ao reconhecimento do papel da literatura no desenvolvimento da cidade. Logo, o património literário não deve ser entendido como residual ou neutro relativamente à dinâmica sócio-económico-cultural de dada cidade, uma vez que pode constituir-se enquanto seu elemento dinamizador. Este património deve ser valorizado no contexto do desenvolvimento do consumo turístico-cultural, numa perspectiva dicotómica entre passado e presente, em que a literatura se assume como meio de compreender melhor a cidade, a sua identidade, memória e simbolismo associados ao *genius loci*, podendo contribuir para o aprofundamento da experiência turística.

O pressuposto é de que através do estímulo de dinâmicas culturais e/ou da delimitação de itinerários associados a determinado(s) escritor(es) possa estabelecer-se uma (re)interpretação da cidade pelo olhar de dado escritor. No caso de João Lúcio, e da cidade de Olhão, cabe referir que a obra deste escritor tem sido largamente esquecida e que as iniciativas desenvolvidas por entidades culturais e institucionais são modestas e esporádicas. Em consequência, embora existam elementos materiais e imateriais passíveis de serem enquadrados no âmbito da dinamização cultural da cidade e da delimitação de um itinerário, Olhão encontra-se ainda numa fase embrionária relativamente à valorização do turismo literário.

Embora se tenha presente que este tipo de turismo seja de nicho, e fundamentalmente dirigido ao turista nacional, acredita-se que poderia dinamizar e fortalecer sinergias culturais na cidade e, consequentemente, contribuir para uma maior afirmação de Olhão no desenvolvimento socioeconómico e criativo algarvio.

Cabe referir que muitos dos elementos referenciados por João Lúcio nos remetem para o sol, o mar, a ria, exactamente aqueles que constituem elementos fortes na identidade do Algarve e estão associados ao produto estruturante desta região turística – o “sol e mar”. Paralelamente, faz referência a uma multiplicidade de elementos da fauna e flora do Algarve e associados ao Parque de Marim que têm possibilidade de criar nexos culturais-ambientais com o Chalé onde está sediada a Ecoteca. Neste contexto, este artigo evidenciou algumas das potencialidades que Olhão pode ter no domínio do turismo literário, acreditando-se que o envolvimento dos principais agentes locais de desenvolvimento pode contribuir para uma comunidade residente mais consciente dos seus valores culturais e identitários, compatível com a valorização cultural-turística dos seus ícones literários.

BIBLIOGRAFIA

- ASHWORTH, G. (1995), “Managing the Cultural Tourist”, in Ashworth, G., and Dietvorst, A., (ed.) *Tourism and Spatial Transformations – Implications for Policy and Planning*, Cab Internacional, UK, 265-284.
- CAVACO, E. (2008), *João Lúcio, Evocação de um Poeta*, Editora Casa do Sul, Évora.
- CHOAY, F. (2006), *A Alegoria do Património*, Estação da Liberdade, São Paulo.
- ECORYS (Research and Consulting)(2009), *Study on the Competitiveness of the EU Tourism Industry – with specific focus on the accommodation and tour operator & travel agent industries – Final Report*, September (ECORYS SCS Group – FN97613 – FWC Sector Competitiveness – EU Tourism Industry).
- ETC (European Travel Commission) (2005), *Report on City Tourism and Culture*, ETC, September 2006.
- HENRIQUES, C.(2008), “Património Cultural e Turismo. Uma relação simbiótica. A Análise de dois percursos turístico-culturais: James Joyce e Fernando Pessoa”, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº10 – 2008, 25-39.
- HORWARD, P. (2003), *Heritage: Management, Interpretation, Identity*, Continuum, London.
- ICOMOS (International Council on Museums and Sites) (2008), *Finding the Spirit of Place*, Programme - 16^a General Assembly and Scientific Symposium, Québec, Canada.
- IMPACTUR (2010), (ON Line), <http://www.impactur.pt>, acesso em Outubro de 2010.
- INE, IP (Instituto Nacional de Estatística) (2010), *Estatísticas do Turismo*, INE.
- JÚDICE, N. (2009), “João Lúcio e ‘o coração das coisas’”, *Viajantes, Escritores e Poetas: Retratos do Algarve*, Edições Colibri – CELL, Universidade do Algarve, 103-108.
- LÚCIO, João [1905] (2002), *O Meu Algarve, João Lúcio - Poesias Completas*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 103-181.
- MEI (Ministério da Economia e Inovação) (2006), *Plano Estratégico Nacional de Turismo* (2006-2015).
- NOBRE, A. (2008), “O Poeta João Lúcio”, *Opúsculos Históricas sobre Olhão*, Município de Olhão, Olhão, 285-294.
- OECD (Organisation for Economic Co-operation and Development) (2009), *The Impact of Culture on Tourism*, OECD publishing.
- PASCOAES, TEIXEIRA [1951] (2002), “João Lúcio por Teixeira de Pascoaes”, *João Lúcio - Poesias Completas*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 27-41.
- PETZET, M. (2008), *The Spirit of Monuments and Sites*, 16th General Assembly of ICOMOS, Scientific Symposium, Quebec, 30 September 2008, (ON Line) http://www.international.icomos.org/quebec2008/cd/toindex/papers_ouverture/inaugural-Vortrag_Petzet.pdf.
- PINE II, J, GILMORE, J. (1999), *The Experience Economy*, Harvard Business Scholl Press, Boston, 1999.
- PRUDÊNCIO, V. (2009), “O Algarve impressionista e mole na poesia de João Lúcio”, *Viajantes, Escritores e Poetas: Retratos do Algarve*, Edições Colibri – CELL, Universidade do Algarve, 213-230.
- RICHARDS, G. (2009), “Tourism development trajectories – From culture to creativity?”, *Paper presented to the Asia-Pacific Creativity Forum on Culture and Tourism*, Jeju Island, Republic of Korea, 3-5 June 2009.
- RICHARDS, G. (2006), *Cultural Tourism: Global and Local Perspectives*, Haworth Hospitality Press.

- RICHARDS, G. (2000), “Políticas y actuaciones en el campo del turismo cultural europeo”, *Turismo Cultural: El Patrimonio Histórico como Fuente de Riqueza*, Fundación de Patrimonio Histórico de Castilla y León, Valladolid, 69-98.
- RICHARDS, G., AND WATSON, J.(2007), “Tourism development trajectories. From culture to creativity”, in Richards, Greg and Wilson, J., (eds.) *Tourism, Creativity and Development*, Routledge, London, 1-36.
- RICHARDS, G., AND WILSON, J. (2006), “Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture?”, *Tourism Management*, 27(6),1209.
- ROBINSON, M. (2008), “Memories, Meanings and Mess: Untold Stories of a ‘Heritage’ Site in Jordan”, *ATLAS Annual Conference 2008, Selling or Telling? Paradoxes in Tourism, Culture and Heritage*, 2-4 July 2008, Brighton.
- ROBINSON, M., AND ANDERSON, H. (eds) (2002), *Literature and Tourism: Reading and Writing Tourism*, Continuum, London.
- STAGL, S. (2004), “Valuation for sustainable development - the role of multicriteria evaluation, Vierteljahreshefte zur Wirtschaftsforschung”, *Quarterly Journal of Economic Research*, 73 (1), 1-10.
- TUNBRIDGE, J. (2007), *Pluralising Pasts: Heritage, Identity and Place in Multicultural Societies*, Pluto, London.
- URRY, J. (1995), *Consuming Places, International Library of Sociology*, Lancaster University, Routledge, London.
- UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) (2006), *Creative Cities Network*, UNESCO Cultural Sector.
- UNESCO (2003), *Intangible Heritage*, 2003 Convention – Unesco Culture Sector.
- WATSON, N. (ed.) (2007), *Literary Tourism and the Nineteenth-Century Culture*, Macmillan Publishers Limited, Hampshire, England.
- XICATTO, C. (2008), “O Turismo Literário na REVISTA CULT : Uma Análise Semiótica”, *ROSANA – SP*, (ON Line), biblioteca.rosana.unesp.br/upload/Camilla.pdf.
- WEIR, D. (2003), “Nevil Shute and the Landscape of England: An Opportunity for Literary Tourism”, in Robinson, Mike, and Anderson, Hans, (eds) *Literature and Tourism: Essays in the Reading and Writing of Tourism*, Thomson, London, 119-142.